

MITO, ANIMALIZAÇÃO E ANTROPOMORFIZAÇÃO DAS PLANTAS: CONTINUIDADE POÉTICA NA LITERATURA AGRÁRIA LATINA

Matheus Trevizam*

*Professor Doutor de
Língua e Literatura
Latina, Universidade
Federal de Minas
Gerais, Brasil
mattrevi2017@gmail.com

Recebido em: 19/02/2023

Aceito em: 05/06/2023



RESUMO: Neste artigo, desejamos examinar três partes de obras pertencentes à literatura agrária latina. Essas obras são o canto II das *Geórgicas* de Virgílio, o livro X do *De re rustica* de Columela e o livro XV de *Opus agriculturae* de Rutilio Paládio. De fato, esses autores, retrospectivamente considerados, não apenas citam uns aos outros, mas ainda adotam procedimentos compositivos semelhantes. Em geral, as partes das obras de Virgílio, Columela e Paládio que comentaremos são poéticas e concedem vivacidade a temas botânicos, notoriamente, por meio de reiterados empregos do mito, da animalização ou da atribuição de “humanidade” às plantas. Então, tecem uma rede em que técnicas de escrita similares não se dão de forma isolada, mas coexistem dentro de uma tradição.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura agrária latina; mito; metonímia; animalização; prosopopeia; tradição.

MYTH, ANIMALIZATION, AND ANTHROPOMORPHIZATION
OF PLANTS: POETIC CONTINUITY IN LATIN
AGRARIAN LITERATURE

ABSTRACT: In this article, we will look at three sections of works from Latin agrarian literature. These works are book II of Virgil’s *Georgics*, book X of Columella’s *De re rustica*, and book XV of Rutilius Palladius’ *Opus agriculturae*. In fact, when examined retrospectively, these authors are not only quoting each other, but also using similar compositional techniques. In general, the sections of Virgil’s, Columella’s, and Palladius’ works on which we will comment are poetic and give vivacity to botanical themes, most notably through the use of myth, animalization, or attributing



“human features” to plants. As a result, they spin a web in which similar writing techniques coexist within a tradition rather than in isolation.

KEYWORDS: Latin agrarian literature; Myth; Metonymy; Animalization; Prosopopeia; Tradition.

INTRODUÇÃO: PROSSEGUIMENTO E INTER-RELAÇÕES NA LITERATURA AGRÁRIA LATINA

Tomando os textos da literatura agrária latina como objetos de estudo, duas constatações essenciais se impõem de imediato ao pesquisador. Primeiramente, trata-se de uma zona temática da literatura latina que abrange significativo lapso temporal e razoável número de obras. Basta lembrarmos de que o mais antigo texto conservado das Letras latinas, no quesito da prosa, corresponde ao *De agri cultura* de Catão, o Velho (234-149 a.C.).

Nesse manual construído de maneira rudimentar quanto à estrutura e com traços arcaizantes no tocante à linguagem em uso pelo autor (Trevizam, 2014, p. 83-9), encontramos o total de 162 capítulos. Esses agregam, após a parte introdutória de defesa da agricultura/do agricultor,¹ tópicos tão variados quanto a fabricação do azeite de oliveira (cap. 91 até 103), o oferecimento de receitas para a panificação rústica, talvez com propósitos rituais (cap. 116 até 119), a construção da eira de debulha de grãos (cap. 91 e 129) etc.

Sendo essa obra datada, em sua publicação, de meados do séc. II a.C., os romanos teriam de aguardar o ano aproximado de 37 a.C. para que dispusessem de mais uma obra inserida no âmbito de sua literatura agrária e imbuída de importância para autores subsequentes. Referimo-nos, neste caso, aos três *Rerum rusticarum libri* que se atribuem a Marco Terêncio Varrão (116-27 a.C.): nesses diálogos sobre as coisas do campo, o polígrafo primeiro trata do cultivo dos grãos e da arboricultura (livro I); depois, da pecuária (livro II); enfim, da *nullatica pastio*, ou criação de pequenos animais nas cercanias das casas rústicas antigas (livro III).

O poeta Públio Virgílio Marão (70-19 a.C.), por sua vez, teve em Varrão importante referencial para os assuntos ou mesmo para a estrutura de suas *Geórgicas* (Thomas, 1994, p. 11), publicadas em 29 a.C., constituindo um poema didático dividido em quatro Cantos de extensão variável (respectivamente, com 514, 542, 566 e 566 versos). Diversamente do antecessor, esse representante da literatura agrária latina repartiu os assuntos vegetais das *Geórgicas* entre os dois primeiros cantos da obra, atribuiu a pecuária ao terceiro e dedicou

¹ Catão, *De agri cultura* (proêmio): “Et uirum bonum quom laudabant, ita laudabant, bonum agricolam bonumque colonum. [...] At ex agricolis et uiri fortissimi et milites strenuissimi gignuntur, maximeque pius quaestus stabilissimusque consequitur minimeque inuidiosus, minimeque male cogitantes sunt qui in eo studio occupati sunt.” – “Mas, um homem bom a quem elogiavam, elogiavam assim: ‘um bom agricultor e um bom fazendeiro’. [...] Mas, dentre os que se dedicam à agricultura, saem homens do maior vigor e soldados da maior coragem; daí se obtém o ganho mais justo, seguro e o menos invejado, e minimamente insidiosos são os que se ocupam deste labor” (trad. nossa).

o quarto não a todos os animais possíveis da *uillatica pastio* – aves, peixes, roedores –, mas apenas às abelhas.

Caberia a Lúcio Júnio Moderato Columela (4-60 a 70 d.C.), porém, a honra de compor o mais extenso manual agrário que a Antiguidade Clássica nos legou. De fato, ao longo dos doze livros de seu *De re rustica*, essa personagem de um romano bem relacionado aos altos círculos da Era neroniana² tratou com detalhes dos principais ramos da economia agrária antiga (cultivo dos campos, arboricultura, pecuária de grandes e pequenos animais, *uillatica pastio* etc.), sem esquecer-se da agrimensura (livro V), da horticultura (livro X) e dos preceitos ora atinentes ao *uillicus*, ou “capataz”, ora à *uillica*, a companheira deste (livros XI e XII).

Por fim, na passagem do séc. IV para o V d.C. (Casas, 1990, p. 8-9), um obscuro autor de *rerum rusticarum* de nome Rutílio Tauro Emiliano Paládio escreveu a obra *Opus agriculturae*, com o total de quinze livros. No primeiro, estabelecem-se as bases para a exploração produtiva de um *fundus rusticus* (“propriedade rural”), com ensinamentos sobre os tipos de terras, o achamento das águas, as edificações do campo etc. Os livros II até XIII descrevem as atividades necessárias, em termos dos cultivos, ao longo dos sucessivos meses do ano, enquanto o livro XIV aborda a medicina veterinária e o XV a técnica dos enxertos arbóreos.

A outra constatação essencial, depreensível por meio da leitura um pouco mais cuidada de obras como as referidas, diz respeito a que elas tecem uma espécie de teia de citações,³ obtenção de dados técnicos e/ou procedimentos compositivos recuperados de um momento a outro. Sabemos, então, que os diálogos varronianos citam o Catão do *De agri cultura*, entre outros autores pregressos.⁴ Além da óbvia derivação de conteúdos técnicos de Catão e Varrão em várias passagens, as *Geórgicas* de Virgílio reatualizam, sobretudo desse

² Columela em geral dedica o *De re rustica* a um mal conhecido Públio Silvino, mas, na passagem do livro IX para o X dessa obra, faz a dedicatória também a Galião (*nostro Gallioni* – “para nosso Galião”, IX, 15, 2). Trata-se aqui, como aventa Reitz (2013, p. 279-80), do irmão do filósofo Lúcio Aneu Sêneca, o que contribuiria para vincular as relações do autor a um âmbito de refinamento social e intelectual na Roma Antiga.

³ Os estudos da intertextualidade, especificamente, têm-se ocupado de estudar como a constituição de sentidos, em todos os textos literários ou não, não se dá isoladamente, mas antes por meio do estabelecimento de relações com o dito em outras obras (ou autores). Nesse sentido, já um crítico de importância seminal para essa corrente interpretativa, Giorgio Pasquali (2019 [1942], p. 12), reconhecia que “a palavra é como água de regato que reúne em si os sabores da rocha da qual brota e dos terrenos pelos quais passou” (trad. Alexandre Piccolo e Lucy Ana de Bem). Suas ideias foram retomadas e discutidas, extensamente, por teóricos posteriores, como exemplificam as colocações de Conte (2019 [1974], p. 25-6) sobre as retomadas, com transformações, de Catulo e Homero por Virgílio, em pontos distintos da *Eneida*.

⁴ Varrão, *Rerum rusticarum libri tres* I, 2, 28: “An non in magni illius Catonis libro, qui de agri cultura est editus, scripta sunt permulta similia, ut haec, quem ad modum placentam facere oporteat, quo pacto libum, qua ratione pernas sallere?” – “Acaso no livro agrário publicado pelo grande Catão não foram escritas muitas passagens semelhantes, por exemplo sobre como fazer a *placenta*, como fazer o *libum* e como salgar os pernis?” (trad. nossa).

último escritor, a própria sequência aproximada dos assuntos rústicos ao longo de seus quatro cantos e um trecho proemial como a invocação aos doze deuses rústicos, no Canto I.⁵

Sobre as fontes de Columela, o próprio autor revela, em *De re rustica*, livro I, 1, 7-14, ter conhecimento de abundantes escritores *rerum rusticarum* anteriores, a exemplo dos gregos Aristóteles de Estagira (séc. IV a.C.) e seu discípulo Teofrasto (séc. IV-III a.C.), do socrático Xenofonte (séc. V-IV a.C.), de Agátocles de Quios (período helenístico) etc.; dos itálicos Sasernas (pai e filho da Etrúria, séc. II-I a.C.), de Gneu Tremélio Escrofa (séc. I a.C.), de Marco Pórcio Catão, de Marco Terêncio Varrão, de Virgílio Marão etc.; de Magão Cartaginês (séc. IV a.C.), autor de extensa obra sobre assuntos rústicos em púnico, a qual o Senado fez traduzir para o latim (Martin, 1971, p. 44).

No que diz respeito ao *Opus agriculturae* paladiano, Fitch (2013, p. 13) destaca como fontes Columela, para tópicos em nexos com os cereais e a criação de animais; Gargílio Marcial (séc. III d.C.), para o assunto das hortas e árvores frutíferas; o grego Anatólio de Beirute (séc. IV d.C.), para suas receitas de vinhos aromatizados etc. Por outro lado, o mesmo *Opus* poderia ser definido como espécie de remodelação – resumida, adicionada de outras referências e em forma de calendário anual – do extenso tratado de Columela, por ser esse o agrônomo mais citado nominalmente ao longo da obra inteira.

Especificamente no quesito da teia de semelhanças compositivas entre os vários textos da literatura agrária latina, desejamos comentar, na sequência do artigo, uma espécie de fio condutor a ligar a escrita das *Geórgicas* (canto II), do livro X do *De re rustica* de Columela (parte da obra chamada, por vezes, *De cultu hortorum*)⁶ e do livro XV de *Opus agriculturae*. A escolha do *corpus* não é casual, na medida em que todos os excertos de obras citados se incluem, ou no mínimo se aproximam, dos ditames compositivos da chamada “poesia didática antiga” (Toohey, 1996, p. 4, p. 110ss., p. 176ss.). Eles, ainda, parecem claramente ter-se encadeado a partir de certa deixa dada por Virgílio em *Geórgicas*, canto IV, v. 147-

⁵ Thomas (1994, p. 11): “Virgil used it as a source of information on a number of subjects: in the treatment of soil types, on livestock, and particularly on the bees. And the prayer which opens the poem, parallel to, although very different from, Varro’s own prayer, partly functions as an acknowledgement of Virgil’s debt” (1.1-42n.). – “Virgílio utilizou-o como fonte de informação sobre vários assuntos: no tratamento dos tipos de solo, na pecuária e, principalmente, nas abelhas. E a prece que abre o poema, paralela, embora muito diferente da prece do próprio Varrão, funciona em parte como um reconhecimento da dívida de Virgílio (1.1-42n.)” (trad. nossa).

⁶ Outros livros do *De re rustica* columeliano recebem, também, seus títulos de acordo com o conteúdo que se atribuiu a eles: depois do *Liber primus*, o *Liber secundus* foi chamado *Sementinus* (“As sementeiras”); o *Liber tertius*, *Surcularis prior* (“As plantações, I”); o *Liber quartus*, *Surcularis liber secundus* (“As plantações, II”); o *Liber quintus*, *Surcularis liber tertius* (“As plantações, III”); o *Liber sextus*, *Ktenikos* (“O gado”); o *Liber septimus*, *De minore pecore* (“Do gado menor”); o *Liber octavus*, *De uillaticis pastionibus auariarius et piscator* (“Da criação de animais na casa de campo: pássaros e peixes”); o *Liber nonus*, *De uillaticis pastionibus macellarius et apiarius* (“Da criação de animais na casa de campo: animais para carne e abelhas”); o *Liber undecimus*, *Vilicus et hortorum* (“O administrador e as hortas”); o *Liber duodecimus*, *Vilica* (“A companheira do administrador”).

8⁷ e, contendo assuntos vegetais, sempre agregam referências míticas, animalizações e antropomorfizações de plantas à sua trama poética.

1. O DIDATISMO DE VIRGÍLIO NO CANTO II DAS *GEÓRGICAS*: MITO, ANIMALIZAÇÃO E ANTROPOMORFIZAÇÃO DAS PLANTAS

As *Geórgicas* virgilianas, de forma geral, têm sido enquadradas como um todo na tipologia didática da literatura greco-latina. De modo sucinto, gostaríamos de recordar que a primeira obra da Antiguidade a ser vinculada a essa tipologia⁸ foram *Os trabalhos e os dias* de Hesíodo de Ascra (sécs. VIII-VII a.C.), nos quais uma voz de *magister* (“professor”) associável ao poeta instrui ao longo de 828 hexâmetros datílicos um *discipulus* (“aluno”) em princípios morais e/ou sobre os afazeres do campo.

O poema hesiódico, ademais, já agregava o mito à sua trama, o que ocorria, ali, por meio dos ditos “painéis ilustrativos” (Toohey, 1996, p. 4 e p. 22), trechos de interrupção dos estritos preceitos práticos, amiúde para contar histórias imbuídas de fundo sapiencial (tais como a fábula do falcão e do rouxinol – v. 202-12 –, a lenda de Prometeu e Pandora – v. 42-105 – e o mito das Idades do mundo – v. 106-201). *Mutatis mutandis*, as *Geórgicas* adotam os mesmos hexâmetros de Hesíodo, a fim de instruir em superfície nas várias partes das técnicas agrárias, conforme dissemos, com destaque para a cultura das videiras no canto II.

Nesse poema didático de Virgílio, o *magister* se autoneia *Vergilium* (canto IV, v. 563), o *discipulus* explícito da obra é *Maecenas* (“Caio Cílnio] Mecenas”, canto I, v. 2) e encontramos vários painéis ilustrativos ao longo dos sucessivos cantos, sejam eles míticos e narrativos ou não. Assim, os principais trechos afins no canto II da obra virgiliana em pauta são o painel descritivo das *Laudes Italiae* (“Elogios à Itália”, v. 136-76) e o encomiástico das *Laudes ruris* (“Elogios ao campo”, v. 458-540).

Mesmo que as referências míticas não sejam privilegiadas nos painéis do canto II das *Geórgicas*, elas se espalham de mais de uma maneira ao longo desta porção do poema. Um primeiro tipo de ocorrência se dá quando certos itens da produção agrária antiga, tal

⁷ Virgílio, *Geórgicas*, canto IV, v. 147-8: “Verum haec ipse equidem spatiis exclusus iniquis/ praetereo atque aliis post me memoranda relinquo.” – “Mas, decerto, impedido pela exiguidade do espaço, tais assuntos/ deixo e passo a outros depois de mim, que os recordem” (trad. nossa).

⁸ A maior parte dos críticos não tem separado a poesia didática antiga como um gênero à parte, mas sobretudo entendido que ela seria uma espécie ou subgênero da épica (assim como a épica heroica, a épica bucólica, o *epyllion* etc.). Tal é a posição de Toohey (1996, p. 5-6), Effe (1977, *apud* Toohey, 1996, p. 6) e Strauss Clay (1994, *apud* Toohey, 1996, p. 6), entre outros. Volk (2002, p. 35), contudo, procurou delimitar traços específicos da poesia didática antiga (autoconsciência poética, ilusão de simultaneidade poética, constelação professor-aluno e explícito intento didático) e, ainda, separá-la como gênero da épica, sobretudo movida pelo fato de os temas dos textos dessa tipologia – agricultura, caça, pesca, filosofia – não serem “adicionalmente especificados” em relação aos da épica tradicional de modelo homérico, mas, antes, bastante distintos.

como a vinha e os grãos,⁹ são referidos não por seus próprios nomes, mas sim através de divindades que a eles se associam por elos religiosos e/ou lendários:

neu segnes iaceant terrae. Iuuat Ismara **Baccho**
conserere atque olea magnum uestire Taburnum.¹⁰

Bacchus amat collis, Aquilonem et frigora taxi.¹¹

(altera frumentis quoniam fauet, altera **Baccho**,
densa magis **Cereri**, rarissima quaeque **Lyaeo**),¹²

No primeiro trecho, o poeta opera uma espécie de divisão de culturas por zonas do mundo onde há melhores chances de desenvolver-se com sucesso: então, o Ísmaro, monte da Trácia, é-nos apresentado como área propícia à vinha/“Baco”, sendo a oliveira adaptada aos campos de Taburno, na Itália. O verso de número 113, por sua vez, procede por uma divisão de plantios mais genérica, associando o mesmo “Baco” (= “videira”) ao cultivo em quaisquer colinas, enquanto aos teixos são reservadas as áreas ventosas e frias. Enfim, o derradeiro par de versos apresentado varia os modos de evocar a vinha por meio do uso de “Baco” e do epíteto “Lieu”, cabendo aos grãos da terra a associação com o nome de Ceres.

São menções míticas bastante elementares, as quais evidentemente se enquadram na definição oratória da metonímia,¹³ ou seja, da substituição de um termo por outro a ele contíguo. Complementarmente a esse procedimento, temos ainda nas *Geórgicas* os dizeres: “onde a argila é fina e há pedregulho em campos com sarças,/ alegam-se os **Paládios** bosques da vivaz oliveira”¹⁴ (trad. nossa). Desta vez, como o nome da divindade “doadora”

⁹ Grimal (1963, p. 87, p. 120, p. 127) explica que “Ceres” é o nome latino da divindade chamada “Deméter” no mundo grego, correspondendo a uma antiga potência vegetal e/ou à protetora do trigo. Baco – também chamado Dioniso ou Lieu –, deus do vinho e do delírio místico, é dado pela mitologia como descobridor da videira, que passa a ser sua planta sagrada. Assim, quando o rei Licurgo da Trácia prendeu as Bacantes, seguidoras do deus, foi tocado pela loucura em castigo e, durante um delírio, decepou as próprias pernas, julgando cortar troncos de videira “inimiga”.

¹⁰ Virgílio, *Geórgicas*, canto II, v. 37-8: “Nem descansem inertes as terras. Agrada o Ísmaro **com Baco**/ plantar e revestir o grande Taburno com a oliveira” (trad. nossa).

¹¹ Virgílio, *Geórgicas*, canto II, v. 113: “**Baco** ama as colinas, os teixos o Aquilão e o frio” (trad. nossa).

¹² Virgílio, *Geórgicas*, canto II, v. 228-9: “(pois uma favorece os grãos, outra **a Baco**,/ a densa mais **a Ceres**, toda bem leve **a Lieu**)” (trad. nossa).

¹³ Cícero, *Da natureza dos deuses* II, 60-61: “Itaque tum illud quod erat a deo natum nomine ipsius dei nuncupabant, ut cum fruges Cererem appellamus unum autem Liberum, ex quo illud Terenti “sine Cerere et Libero friget Venus”.” – “Assim, aquilo que era inventado por um deus recebia o seu nome, como quando dizemos Ceres para os grãos e Líber para o vinho, tal como em Terêncio: ‘Sem Ceres e Líber, Vênus é fria’” (*apud* Serignolli, 2018, p. 99).

¹⁴ Virgílio, *Geórgicas*, canto II, v. 180-1: “tenuis ubi argilla et dumosis calculus aruis,/ **Palladia** gaudent silua uiuacis oliuae” (trad. nossa).

da oliveira aos homens, Palas Atena,¹⁵ não substitui o da planta, não temos propriamente emprego metonímico, mas antes uso de adjetivo com colorações nobilitadoras e épicas.¹⁶

Em outros trechos do canto II das *Geórgicas*, porém, ocorrem como que pequenos esboços de narrativas míticas em nexos com as plantas. Em v. 325-7, Virgílio retoma o tema do *hieròs gámos* (“casamento sagrado”), similarmente ao que fora contado por Hesíodo em *Teogonia*, 136ss.: naquele âmbito, Gaia, a Terra, parece inúmeros seres após a união amorosa com Urano, o Céu (embora ele fosse seu filho). No poema latino em pauta, *Aether* (“Éter”, v. 325)¹⁷ “desce ao seio da esposa alegre” (*coniugis in gremium laetae descendit*, v. 326), a própria Terra, e fecunda-a durante a época primaveril, alimentando “todos... os brotos” (*omnis... fetus*, v. 326-7) com sua seiva.

Também se dá esboço de narrativa mítica no canto II das *Geórgicas*, v. 454-7, quando Virgílio apresenta um lado menos luminoso do dom das parreiras, ou seja, a embriaguez causada pelo vinho. Nesse contexto, alude-se ao episódio do massacre em que se transformaram as bodas de Pirítoos e Hipodâmia, depois que os Centauros embriagados tentaram raptar a noiva (ou outras damas presentes) e surgiu violenta luta entre eles e os seres humanos, nas festividades do casamento.¹⁸

Os aspectos da animalização ou antropomorfização das plantas consistem retoricamente, no mesmo canto II do poema didático de Virgílio, em mais um meio de animar a exposição botânica diante de um público letrado (Toohey, 1996, p. 111ss.). A definição oferecida por Santos (1962, p. 47) para a figura de pensamento identificada com a “prosopopeia”¹⁹ poderia recobrir, de maneira aproximada, os efeitos envolvidos nesses casos das *Geórgicas* e/ou de outras obras agrárias latinas:

¹⁵ Em disputa com Posídon pelo domínio da Ática, Palas Atena fez brotar do solo a primeira oliveira, mas o deus, ferindo o chão com seu tridente, fez sair dali um cavalo. Como a oliveira foi considerada mais útil pelos outros deuses, Palas venceu o certame (Commelin, 1983, p. 39).

¹⁶ Vejam-se, igualmente no canto II, as expressões *Paphiae... myrtus* (“murtas **páfias**”, v. 64) e *Herculeaeque arbor umbrosa coroneae* (“árvore frondosa **da coroa hercúlea**”, v. 66). A murta era associada à deusa Afrodite/Vênus – muito cultuada na ilha de Pafos –, pois seu amado Adônis nascera sob uma touceira da planta (ou da mirra) – cf. Pausânias, *Descrição da Grécia* VI, 24, 6. A coroa de Hércules alude ao episódio mítico de esse herói ter tecido para si próprio uma grinalda de álamo branco (depois de vencer o cão Cérbero). Essa árvore resultara da metamorfose da ninfa Leuce, após sua morte.

¹⁷ Grimal (1963, p. 16) explica que o Éter é uma espécie de personificação da parte mais elevada do firmamento.

¹⁸ Ovídio, no canto XII, v. 210-541, das épicas *Metamorfoses*, narra com muitos detalhes, e extensamente, o mesmo evento das bodas.

¹⁹ Pernot (2000, p. 299), por sua vez, associa a prosopopeia às denominações grega e latina, respectivamente, *prosôpopoia* e *personae fictio*; além disso, é mais restritivo na definição que oferece para a mesma figura, dizendo apenas que se trata de “faire parler un mort, une abstraction” (“fazer falar um morto, uma abstração” – trad. nossa).

Consiste em dar vida e palavra às coisas inanimadas, aos seres abstratos, aos ausentes, aos mortos. Ex.: “Ó Noite, que notícias me trazes do meu amor? Vem apaziguar as minhas mágoas, ó minha fiel companheira!”

Como exemplo de animalização das plantas no canto II das *Geórgicas*, citamos v. 118-21, nos quais o poeta menciona “bálsamos que **gotejam** da madeira perfumada” (*odorato... sudantia ligno/ balsamaque*, v. 118-9), os “bosques dos etíopes, branquejando **com lâ macia**” (*nemora Aethiopum molli canentia lana*, v. 120) e “como os chineses penteiam **velos delicados** de folhas” (*uelleraque ut foliis depectant tenuia Seres*, v. 121).²⁰ Assim, muitos animais manifestam o fenômeno fisiológico do gotejamento de suor; produzir “lãs” – embora o termo também designe o algodão em latim (Paládio, *Opus agriculturae*, livro XIV, 3, 4) – cabe em princípio a ovelhas, e “velos” ou “pelos” a vários animais, não tanto a folhas.²¹

Mas é sobretudo quando as árvores deste canto assumem contornos humanos que se aproximam da definição de prosopopeia como “ganho de vida”, ou reação. Isso se dá, inclusive, ao final do trecho constituído pelo canto II das *Geórgicas*, v. 73-82, quando o poeta afirma: “não é longa a espera, enorme/ árvore foi ao céu com ramos férteis,/ e **admira** novas folhagens, não os seus frutos”.²² Trata-se, na passagem, de referir com brevidade alguns procedimentos de enxerto arbóreo, com o resultado de que, diante do inusitado da combinação de plantas por tal técnica, uma árvore para a qual se trazem ramos “exóticos” de outra experimenta espanto pelos novos frutos que vê surgir.

Outra ocorrência do tipo se acha no canto II das *Geórgicas*, v. 362-70, trecho por vezes apontado como da “educação da videira” (Virgil, 2003, p. 117 e p. 298):

Ac dum prima nouis **adolescit** frondibus aetas,
 parcendum teneris, et dum se laetus ad auras
 palmes agit **laxis** per purum **immissus habenis**,
 ipsa acie nondum falcis temptanda, sed uncis
 carpendae manibus frondes interque legendae.
 Inde ubi iam ualidis **amplexae** stirpibus ulmos
 exierint, tum stringe **comas**, tum **bracchia tonde**:

²⁰ Tais madeiras perfumadas do Levante, a região dos etíopes – intercambiável com a Índia, no pensamento antigo (Virgil, 2003, p. 117 e p. 298) – e a China trazem o dado do exotismo oriental, com suas estranhas maravilhas, a uma obra sobretudo focada na descrição da Itália, como são as *Geórgicas*.

²¹ No comentário de Oxford às *Geórgicas* (Virgil, 2003, p. 117), Mynors explica que, desconhecendo o processo de fabricação dos fios de seda, os antigos gregos e romanos julgavam serem esses filamentos diretamente “penteados” de certas folhagens preciosas do Oriente; cf. também Plínio, *História Natural* VI, 54.

²² Virgílio, *Geórgicas*, canto II, v. 80-82: “[...] nec longum tempus, et ingens/ exiit ad caelum ramis felicibus arbor,/ **miraturque** nouas frondes et non sua poma” (trad. nossa).

ante **reformidant** ferrum: tum denique dura
exerce imperia et ramos compesce fluentis.²³

Vários termos em uso, nesses versos, apontam para uma caracterização, gestos e sentimentos “humanos” da videira em desenvolvimento, tais como *adolescit* (“amadurece”, v. 362);²⁴ *amplexae* (“tendo abraçado”, v. 367); *comas* (“comas” ou “cabeleiras”, v. 368); *bracchia* (“braços”, mas ainda “ramos”, v. 368); *reformidant* (“temem”, v. 369); por outro lado, *laxis... immisus habenis* (“livre... com rédeas soltas”, v. 364) e *tonde* (“tosquia”, v. 368) fazem pensar em traços e em tratamento animal para a planta. Enfim, a imagem geral é como que de grande rebeldia da vinha a partir de certo momento, a qual é forçoso tolher tão logo se manifeste.

Esses pontos de discussão, que em absoluto não esgotam as ocorrências possíveis do mito, da animalização e da antropomorfização das plantas no canto II das *Geórgicas*, decerto encontram ecos, como veremos, em Columela e Paládio, epígonos de Virgílio na literatura agrária latina.

2. MITO, ANIMALIZAÇÃO E ANTROPOMORFIZAÇÃO DAS PLANTAS NO LIVRO X DO *DE RE RUSTICA* COLUMELIANO E NO LIVRO XV DE *OPUS AGRICULTURAE* DE PALÁDIO

2A. O *MAGISTERIUM* DE COLUMELA NO LIVRO X DO *DE RE RUSTICA*

O autor do *De re rustica*, ao longo de seu tratado, recorre com alguma frequência a diretas citações das *Geórgicas* virgilianas,²⁵ com fins de documentar-se do ponto de vista das técnicas agrícolas. É apenas no livro X da mesma obra, porém, que ele se vincula à série dos

²³ Virgílio, *Geórgicas*, canto II, v. 362-70: “E, enquanto a primeira idade **amadurece** com novas folhagens,/ há que poupar as jovens, e enquanto a vara se eleva alegre/ às brisas, **livre** no céu **com rédeas soltas**,/ ela ainda não deve ser testada pelo gume da foice, mas com mão/ em gancho as folhagens devem ser tiradas e colhidas do meio./ Daí, quando já crescerem com fortes cepas, **tendo abraçado**/ os olmos, então corta as **cabeleiras**, então **tosquia os braços**/ (antes, **temem** o ferro), então enfim exerce/ dura autoridade e reprime os ramos que fluem” (trad. nossa).

²⁴ O verbo latino *adolescere* apresenta significado de “crescer”, “engrossar”, “atingir a maioridade”. Por outro lado, *adulescens* é, em latim, o jovem com idade aproximada de quinze até trinta anos.

²⁵ Columela, *De re rustica*, livro IX, 4, 1: “Interim per has notas quas iam diximus probatis apibus destinari debent pabulationes, eaque sint secretissimae et, ut noster praecepit Maro, uiduae pecudibus, aprico et minime procelloso caeli statu: quo neque sit uentis aditus, nam pabula uenti/ ferre domum prohibent, neque oues haedique petulci/ floribus insultent, aut errans bucula campo/ decutiat rorem, et surgentis atterat herbas.” – “Nesse ínterim, devem ser destinados os campos de alimento às abelhas escolhidas segundo as informações que já demos; que eles fiquem o mais reservados possível e, como preceituou nosso Marão, livres de rebanhos, em lugar exposto ao sol e em situação climática alheia a tempestades: ‘onde nem haja entrada de ventos, pois os ventos impedem/ de trazer o alimento para casa, nem ovelhas nem bodes provocantes/ ofendam as flores, nem novilha errante pelo campo/ derrube o orvalho, e pisoteie as ervas nascentes” (trad. nossa). A citação, neste trecho, é de *Geórgicas*, canto IV, v. 9-12; um pouco antes, em *De re rustica*, livro IX, 3, 2, Columela citara *Geórgicas*, canto IV, v. 99.

textos atinentes à literatura agrária latina de um modo compositivo bem mais aproximado do modelo das *Geórgicas*.

Devemos, assim, esclarecer que *grasso modo* o *De re rustica* corresponde aos padrões estruturantes de um tratado técnico, ou seja, de uma obra em prosa sistematicamente composta por um especialista e lida com propósitos de (auto)instrução pelo público (Von Albrecht, 1996, p. 21). Tais obras, que na origem remontam à tradição grega de textos como os tratados aristotélicos sobre assuntos filosófico-científicos, aos de seu aluno Teofrasto – autor, inclusive de um *De causis plantarum* –, aos escritos médicos do *corpus Hippocraticum* (séc. V-III a.C.) etc.²⁶ podem apresentar divisões internas em livros, muitas vezes encabeçados por proêmios individuais.

Ocorre, ainda, que o espaço amiúde concedido ao cultivo da forma e do estilo nos tratados (Armendáriz, 1995, p. 32-3) favoreceu, por parte de Columela, dar continuidade poética a um tópico preterido por Virgílio no canto IV das *Geórgicas*,²⁷ quando esse poeta cessa de falar sobre o cultivo das hortas após o breve painel do Velho corício, espécie de protótipo da autossuficiência e felicidade simples do agricultor (Trevizam, 2010, p. 44-5).

Tem-se entendido que o livro X do *De re rustica* columeliano, cujo assunto diz respeito justamente à cultura das plantas hortenses – ervas, flores, legumes, pequenos frutos – também dispõe dos requisitos para ser considerado um poema didático (Toohey, 1996, p. 177ss.). Assim, após um breve proêmio em prosa, com a agregação dos elementos convencionais – dedicatória do livro a Públio Silvino, apresentação e justificativa de seu assunto específico –, seguem-se 436 hexâmetros datílicos, nos quais encontramos preceitos sobre a escolha e preparo do local de cultivo (v. 6-34); as culturas primaveris (v. 155-98); os procedimentos necessários em meio ao verão (cuidados contra pestes, plantas a serem escolhidas ou evitadas – v. 311-99); colheitas de frutos no final do estio (v. 400-32).

Além da abordagem mais ou menos sistemática da horticultura, do emprego hexamétrico e de um *discipulus* textualmente endereçado como alvo dos ensinamentos deste livro – o próprio Silvino –, outros elementos aproximam o *De cultu hortorum* da tipologia didática da literatura antiga. Assim, existem painéis ilustrativos entremeados aos preceitos agrários²⁸ e, desde o proêmio introdutório, ocorre explícita modelagem da voz textual como aquela de um *magister* interessado em instruir:

[3] Quare cultus hortorum, quorum iam fructus magis in usu est, diligentius **nobis**, quam tradidere maiores, **praecipendus est**, [...] ²⁹

²⁶ Em Roma, outros exemplos de tratados técnicos, além das várias obras com conteúdo agrário que já citamos, são o *De architectura*, atribuído a Vitruvius Polião (séc. I a.C.), o *De medicina*, de Cornélio Celso (séc. I d.C.), o *De re militari* de Flávio Vegécio (séc. IV d.C.) etc.

²⁷ Cf. *supra* nota 7.

²⁸ Cf. v. 215-29 (preterição da poesia didático-filosófica) e v. 357-68 (efeitos do sangue menstrual contra as pragas da lavoura).

²⁹ Columela, *De re rustica*, livro X (proêmio, 3): “Por isso o cultivo das hortas, cujo fruto agora está mais em uso, **deve ser ensinado** com mais diligência **por nós** do que nos transmitiram os ancestrais [...] (trad. nossa).

Hortorum quoque te cultus, Siluine, **docebo**,
atque ea quae quondam spatiis exclusus iniquis,
cum caneret laetas segetes et munera Bacchi,
et te, magna Pales, necnon caelestia mella,
Vergilius nobis post se memoranda reliquit.³⁰

A elaboração poética do livro X dessa obra columeliana é, em si, um *tour de force*: dessa forma, trabalhando sobre um tema relativamente árido e humilde, o agrônomo atribuiu vivacidade a seus dizeres por meio de “perífrases e digressões, alusões mitológicas e a acumulação de nomes próprios de grande sonoridade. Personificação e descrição [...] ganham agora duas notas especialmente características: dramatismo e colorido”.³¹

O mito, similarmente ao que observamos no canto II das *Geórgicas*, aqui não se concentra em narrativas extensas e internas aos painéis ilustrativos, mas ponteia o livro columeliano de número X em várias passagens. Ocorrem, então, referências metonímicas em v. 56 (*Phoebus*, “Febo”, em vez de “sol”),³² v. 235 (*Iaccho*, “a Iaco”, outro nome do deus Baco, em vez de “ao vinho”), v. 288 (*Latonia Phoebe*, “**Febe** de Latona”, em vez de “lua”), v. 309 (*multo madefactus Iaccho*, “umedecido em muito **Iaco**”, em vez de “umedecido em muito vinho”), v. 387 (*Bacchoue lagoenam*, “ou bilha **para Baco**”, em vez de “ou bilha para vinho”) etc.

Algum emprego adjetival com colorações míticas surge em v. 29 (*Daedaliae... dextrae*, “de mão **dedálea**”),³³ v. 121 (*Palladiae baccae*, “da baga **Paládia**”), v. 313 (*Lernaei... cancri*, “do caranguejo... **lerneu**”)³⁴ etc. Os trechos de emprego mítico que apresentam maior interesse no livro em jogo do tratado de Columela, porém, parecem-nos de longe aqueles nos quais se esboçam narrativas lendárias em vínculo com a origem de certas plantas:

³⁰ Columela, *De re rustica*, livro X, 1-5: “Também, ó Silvino, **ensinarei** a ti o cultivo das hortas,/ e aquilo que, outrora, impedido pela exiguidade do espaço,/ quando cantava as alegres searas e os dons de Baco,/ bem como a ti, grande Pales, e os méis celestes,/ Virgílio nos deixou para ser lembrado depois de si” (trad. nossa).

³¹ Armendáriz (1995, p. 33): “[...] perífrasis y digresiones, las alusiones mitológicas y la acumulación de nombres propios de gran sonoridad. Personificación y descripción (...) adquieren ahora dos notas especialmente características: dramatismo y colorido” (trad. nossa).

³² Febo era o equivalente romano do deus grego Apolo, associado ao círculo solar, à beleza da juventude, à ordenação. Era, como a irmã Diana/Febe – essa, em vínculo lendário com a lua –, filho de Latona e de Júpiter (Grimal, 1963, p. 371).

³³ Dédalo era um artesão lendário, dotado de maravilhosa criatividade e poder de uso das mãos. Entre outras realizações, construiu o labirinto de Creta, onde foi encerrado o Minotauro, e asas para propiciar a fuga a si mesmo e ao filho, Ícaro, daquela ilha (Grimal, 1963, p. 118).

³⁴ Em Columela, a passagem alude à constelação de Câncer e à lenda segundo a qual, em Lerna (na Argólida), um crustáceo tentou morder o calcanhar de Hércules enquanto ele lutava contra a Hidra, serpente de várias cabeças. Cf. nota *ad locum* na edição de Harvard da obra columeliana (Columella, 1968, vol. III, p. 35).

nataque iam ueniant hilaro samsuca Canopo,
 et lacrimas imitata tuas, **Cinyreia uirgo**,
 sed melior stactis ponatur Achaica myrrha:
 et male damnati maesto qui sanguine surgunt
Aeacii flores [...] ³⁵

Ora, as lágrimas da “virgem Cinireia” (= filha de Ciniras) aludem à lenda da metamorfose de Mirra, filha do rei de Chipre, no arbusto de mesmo nome, depois que ela se envolveu em amores incestuosos com o pai (Ovídio, *Metamorfoses*, canto X, v. 298-502); neste caso, a resina que goteja da planta remeteria ao choro da moça, depois de descoberta e castigada pelos deuses. A espécie vegetal advinda do derramamento de sangue de Ajax, após seu suicídio por não conseguir ganhar para si, em disputa contra Odisseu, as armas de Aquiles morto é o jacinto (Ovídio, *Metamorfoses*, canto XIII, v. 394-8).

Os pontos em que nos parece haver a animalização das plantas hortenses, no livro X do *De re rustica*, correspondem àqueles abaixo, por motivos óbvios:

Tum modo dependens trichilis, modo **more chelydri**
 sole sub aestiuo gelidas per graminis umbras
 intortus cucumis **praegnansque** cucurbita **serpit**.³⁶

Liuidus at cucumis, **grauida** qui nascitur **aluo**,
hirtus, et **ut coluber** nodoso gramine tectus
uentre cubat **flexo**, semper collectus in orbem,
 noxius exacuit morbos aestatis iniquae.³⁷

At qui sub trichila manantem **repit** ad undam,
 labentemque sequens **nimium tenuatur amore**,
 candidus, **effetae tremebundior ubere porcae**,
 mollior infuso calathis modo lacte gelato,
 dulcis erit [...] ³⁸

³⁵ Columela, *De re rustica*, livro X, 171-5: “e agora venham as manjeronas nascidas na festiva Canopo;/ e tendo imitado tuas lágrimas, ó **virgem Cinireia**/ (embora mais rica em óleo de mirra), plante-se a mirra da Acaia,/ e as flores que advêm do triste sangue **de Ajax**, injustamente/ condenado [...]” (trad. nossa).

³⁶ Columela, *De re rustica*, livro X, 378-80: “Então, ora pendendo de latadas, ora **como víbora**/ sob o sol estival, pelas sombras frias da relva/ retorcido pepino e **prenhe** abóbora **serpeiam**” (trad. nossa).

³⁷ Columela, *De re rustica*, livro X, 389-92: “Mas o pepino escuro, que nasce **com pelos** e **de ventre/ grávido**, que, **como cobra** encoberta pelos nós da relva,/ jaz **dobrando o ventre**, sempre a formar um círculo,/ faz mal e agrava doenças da estação ingrata” (trad. nossa).

³⁸ Columela, *De re rustica*, livro X, 394-8: “Mas o que **rasteja** sob latada para a fonte d’água/ e, seguindo seu curso, **emagrece demais por amor**,/ claro, **mais tremente que os úberes da porca parida**,/ mais mole que leite coalhado há pouco vertido em cestos,/ será doce [...]” (trad. nossa).

Note-se, ainda, que a ideia do emagrecimento do pepino “por amor” (v. 395), como se ele estivesse apaixonado pela água corrente que segue, antropomorfiza essa planta, em complementaridade de efeito a trechos como v. 101-2 (nos quais a violeta se diz “empalidecer no chão” – *pallet humi* –, em contraste cromático com a rosa “cheia de pudor” – *plena pudoris* –, por “ruborizarem” suas pétalas); v. 179 (no qual o poeta deseja que a *lactuca*, ou “alface”, “se apresse” – *properet* – em vir à horta, sendo planta tão benéfica para a inapetência) etc.

2B. O *MAGISTERIUM* DE PALÁDIO NO LIVRO XV DE *OPUS AGRICULTURAE*

Por alguns motivos específicos, o livro XV de *Opus agriculturae* paladiano é a (parte de) obra que mais se diferencia das contribuições comentadas antes, atinentes às lavras de Virgílio e Columela. Antes, porém, de apontar tais diferenças, lembramos que, assim como o *De re rustica*, *Opus agriculturae* geralmente adota a estrutura de um tratado prosístico. Neste caso, Paládio seguiu o procedimento, conforme referimos *en passant*, de distribuir a maior parte dos preceitos agrícolas de sua obra sob a forma de um calendário anual (correspondendo o livro II aos afazeres de janeiro, o livro III aos de fevereiro e assim sucessivamente, até o livro XIII – afazeres de dezembro).³⁹

Seu estilo, ao longo das partes em prosa do tratado – livros I-XIV –, é entendido como algo, embora gramaticalmente correto (Cartelle, 2007, p. 798), mais sóbrio que o padrão de escrita quase “ciceroniano” de Columela:

Plínio o Velho e Paládio criticarão – com uma alusão velada a Columela – o uso de um estilo elaborado quando o assunto e o destinatário da obra exigem uma exposição simples; e Cassiodoro, no limiar da Idade Média, recomendará a seus monges analfabetos a clareza absoluta (*planissima lucidatio*) de Paládio, diante de um Columela difícil, mais adequado para pessoas cultas do que para os ignorantes.⁴⁰

Se, pela definição da *Retórica a Herênio* (IV, 11), o chamado “estilo tênue” (*genus humile/attenuatum*) diz respeito a um emprego da linguagem “rebaixado até o uso mais corrente do falar correto” (*quae demissa est usque ad usitatissimam puri consuetudinem sermonis*), a

³⁹ Nenhum outro tratado ou manual da literatura agrária latina segue exatamente esse modelo, apesar de Goujard (1976, p. XXXIV) relatar tentativas, no *De agri cultura* catoniano, de disposição das tarefas rústicas em sequência cronológica do cap. 23 ao cap. 53; essa obra, no entanto, ainda contém 109 capítulos até o término.

⁴⁰ Armendáriz (1995, p. 32-3): “Plinio el Viejo y Paladio criticarán – con velada alusión a Columela – el uso de un estilo rebuscado cuando el tema y el destinatario de la obra requieren al contrario una exposición sencilla; y Casiodoro, en el umbral de la Edad Media, recomendará a sus monjes iletrados la absoluta claridad (*planissima lucidatio*) de Paladio, frente a un Columela difícil, más adecuado para las gentes cultivadas que para los ignorantes” (trad. nossa).

parcimônia expressiva de *Opus agriculturae* tende a aproximar-se dele. (Trevizam, 2022, p. 19)

Quando se consideram, especificamente, os traços do livro XV de *Opus agriculturae* – por vezes dito *De insitione*, ou “Sobre o enxerto” –, também é possível notar que ele não se enquadra, em tudo, nos moldes de um estrito poema didático. Assim, em sua pequeníssima extensão – pois contém, após breve proêmio em prosa com a dedicatória do livro a um obscuro Pasifilo,⁴¹ meros 170 versos –, apenas se delineiam superficialmente alguns preceitos sobre a técnica do enxerto arbóreo,⁴² com destaque para dizer quais espécies de plantas podem ou não ser combinadas através dela (pereira com amendoeira e nespereira, figueira com amoreira etc.).

A voz professoral e única, presente na parte constituída pelos oitenta e cinco dísticos elegíacos (não os hexâmetros datílicos da tradição didática!)⁴³ do livro *De insitione*, ademais, não enfatiza tanto a figura de um *discipulus* que seria, em tese, Pasifilo. Esse último, com efeito, insere-se muito discretamente no texto, por meio de um único vocativo do nome próprio (*Pasiphile*, “ó Pasifilo”, v. 1), de verbos em segunda pessoa (*comendas*, *dignaris*, *amas*, “recomendas, julgas dignos, amas”, v. 7; *colis*, “respeitas”, v. 8) e de um pronome possessivo (*arbitrio... tuo*, “para teu... arbítrio”, v. 10). Também não se encontram, entre esses dísticos, quaisquer passagens alheias à estrita preceituação prática, ou seja, painéis ilustrativos.

Não obstante, a tessitura poética dessa porção específica da obra de Paládio é refinada, nela se encontrando mais de uma ocorrência de alusão ao mito por metonímia (*Phyllida*, “Fílis”, em vez de “amendoeira”,⁴⁴ v. 61; *thyrsigero... Baccho*, “a Baco... porta-tirso”,⁴⁵ em vez de “à vinha”, v. 87; *Phyllis*, “Fílis”, v. 149) e usos de determinantes, novamente, míticos (*Echionii palmes... Bacchi*, “varas de Baco... Equiônio”, v. 45;⁴⁶ *Palladii... rami*, “ramos...

⁴¹ Columela, vimos, já tinha encabeçado o livro X de seu *De re rustica* com um proêmio em prosa, no qual Silvino era o dedicatário.

⁴² Não há, por exemplo, diferenciação detida dos vários tipos de enxertos conhecidos na Antiguidade – *insitio*, ou “enxerto no tronco”; *emplastratio*, ou “brotação de escudos”; *terebratio*, ou “perfuração” (White, 1970, p. 248) –, somente referência geral à técnica em *Opus agriculturae*, livro XV, 37-44.

⁴³ Durante este tempo da Antiguidade tardia, também Aviano (séc. IV-V d.C.) preferiu empregar dísticos elegíacos em suas fábulas, apesar de Fedro (séc. I d.C.) ter-se servido, antes, dos senários jámbicos. E Cláudio Claudiano (mais ou menos coevo a ambos) adotou, até em porções do épico chamado *De raptu Proserpinae*, o mesmo esquema métrico.

⁴⁴ Fílis era filha do rei da Trácia e apaixonou-se por Demofonte. Tendo sido deixada pelo amante, suicidou-se enforcada numa árvore, mas foi metamorfoseada em amendoeira por comiseração divina. Fílis é “autora” fictícia de uma das *Heroides* de Ovídio, a segunda carta dessa coletânea.

⁴⁵ O tirso era uma vara entrançada com heras e videira, constituindo um dos adereços de Baco e de suas seguidoras, as Bacantes. Era, ademais, uma espécie de arma, pois tinha poder mortífero ao ser empunhado sob influência do deus.

⁴⁶ Equionte foi esposo Agave, irmã da mãe de Baco e filha do rei de Tebas; mas Baco era filho de Zeus e de Sêmele. Penteu, gerado por Agave e Equionte, quis sem sucesso impedir o culto a Dioniso em Tebas (Grimal, 1963, p. 132).

Paládios”, v. 51). O único ponto do *De insitione* no qual entrevemos algo aproximadamente afim a um esboço de narrativa mítica corresponde ao primeiro dístico abaixo:

DE CERASO.

Inseritur **lauro** cerasus **partuque coacto**
tinguit adoptius **uirginis ora pudor**.
Vmbrantes platanos et iniquam robore prunum
compellit gemmis pingere membra suis
populeasque nouo **distinguit** munere frondes,
sic blandus **spargit** brachia cana rubor.⁴⁷

Trata-se de algo antes sugerido que, propriamente, dito: ocorre que a planta “forçada” a se unir a outra é, neste caso, o loureiro, para o qual os garfos germinativos da cerejeira são trazidos. Se nos lembramos da lenda associada ao surgimento do loureiro segundo Ovídio a conta em *Metamorfoses*, canto I, v. 525ss., essa espécie resultou da transformação da ninfa Dafne num vegetal, em desesperada tentativa de não ser, também, “forçada” à união sexual com Apolo. Caso se siga essa linha interpretativa, conforme sugerida por Fitch (Palladius, 2013, p. 267 – nota *ad locum*), resulta mais compreensível o “pudor” que a cerejeira empresta ao loureiro nesse contexto.

Além disso, embora a animalização das plantas seja praticamente apagada neste livro,⁴⁸ sua antropomorfização abunda; talvez porque, dissemos, sem haver verdadeiro protagonismo do *discipulus* didático como agente de cultivo em *De insitione*, as próprias árvores se investem de semelhante papel. Esse efeito é perceptível em v. 146-7 transcritos há pouco, na medida em que a cerejeira – como se não necessitasse de ser auxiliada pelo agricultor – se torna ela própria condutora de alguns processos citados: então, “faz” ou “obriga” (*compellit*, v. 146) outras árvores a “colorirem os membros com suas gemas” e “matiza” (*distinguit*, v. 147) as “ramagens do choupo”.

Semelhante processo de prosopopeia aparece, ainda, claramente manifesto na passagem abaixo, indicadora da “boa índole” da pereira doméstica:

DE PIRO.

Germine cana pirus niueos **haud inuida** flores
commodat et uarium **nectit amore** nemus.

⁴⁷ Paládio, *Opus agriculturae*, livro XV, 143-8: “DA CEREJEIRA. Enxerta-se a cerejeira **no loureiro e, impondo-se o fruto,**/ adotado **pudor** pinta a **face virginal.**/ **Faz** plátanos frondosos e a ameixeira de vicioso caule/ colorirem os membros com suas gemas/ e **matiza** as ramagens do choupo com um novo dom,/ assim **cobrimdo** suave rubor os braços alvos” (trad. nossa).

⁴⁸ Exceção talvez feita a v. 155-6: “castaneamque truce[m] depulsis cogit **echinis**/ mirari fructus leuia poma sui.” – “(a amendoeira) faz a dura castanheira, abandonando **os ouriços,**/ admirar a pele lisa de seu fruto” (trad. nossa). *Echinus*, em latim, é ambíguo por designar tanto o “ouriço” – animal marinho ou terrestre – quanto o fruto eriçado da castanheira.

Nunc **rapit** hirsutis **horrenda** sororibus **arma**
 et **docet indomitas** ponere tela **piros**.
 Nunc teretem pingui **producit** acumine malum
 fraxineasque **nouo flectit honore** manus.⁴⁹

De fato, como se assumisse a frente de várias transformações ao ser combinada em enxerto com outras espécies arbóreas, (sem ciúmes) ela “**oferece** níveas flores” (v. 55-6); “**entrelaça** variegado bosque” (v. 56); “**toma** os braços cruéis das irmãs” (v. 57); “**ensina** (!) pereiras agrestes” (v. 58); “**alonga** arredonda maçã” (v. 59); “**do**bra ramos de freixo com nova honra” (v. 60). A generosidade, o amor e a honra, é notório, aparecem como atributos da planta sob destaque positivo, enquanto as pereiras agrestes seriam cruéis (*horrenda*, v. 57) e “belicosas”, ou portadoras de verdadeiras “armas” (*tela*, v. 58). Aqui entrevemos sutil defesa do (auto)cultivo e da doçura, como contrapontos da mera crueza do mundo natural.

Finalizamos nosso comentário sucinto sobre o livro XV de *Opus agriculturae* observando, apesar de não ser fácil apontar diretas citações das *Geórgicas*, ou de Columela, neste livro,⁵⁰ que o processo de pospor versos a um proêmio em prosa – conforme se dá em *De insitione* – evoca estruturalmente o livro X do *De re rustica*. Por último, assim como Columela retomou temas preteridos por Virgílio no canto IV das *Geórgicas*, v. 147-8 para compor este seu livro, Paládio retoma e desenvolve, no *De insitione*, o tema botânico dos enxertos, mal aludido no canto II das *Geórgicas*, v. 73-82.

3. CONCLUSÃO

Da leitura conjunta do canto II das *Geórgicas*, do livro X do *De re rustica* e do livro XV de *Opus agriculturae* deverá ter resultado o entendimento de que seus autores, mesmo os dois tratadistas em “escape” apenas temporário para o âmbito da poesia, não se encontram isolados e/ou alheios a todo um rol de procedimentos compositivos capazes de dotar a própria exposição técnica de maior vivacidade. Tais procedimentos – uso do mito, animalização e antropomorfização das plantas, eventual recurso a proêmios em prosa –, ainda, unem e aproximam Virgílio, Columela e Paládio como representantes de uma mesma tradição.

Confirma-se mais uma vez, assim, a constatação por vezes feita pela crítica de que, no mundo antigo, separar os escritos técnicos dos que hoje diríamos “literários” seria algo artificial e, no limite, impossível, dada a frequente interpenetração entre um e outro domínio naquele âmbito cultural (Carvalho, 2019, p. 30-1). Nesse sentido, as funções retóricas do deleite e do ensinamento convivem harmoniosamente, nos textos da literatura agrária latina que comentamos.

⁴⁹ Paládio, *Opus agriculturae*, livro XV, 55-60: “DA PEREIRA. A pereira de garfo branco **sem ciúmes oferece** níveas/ flores e, **amorosa, entrelaça** variegado bosque./ Ora **toma os braços cruéis** das irmãs eriçadas/ e **ensina pereiras agrestes** a depor suas armas,/ ora **alonga** arredondada maçã em ponta suave,/ e **do**bra ramos de freixo **com nova honra**” (trad. nossa).

⁵⁰ Há, entretanto, citações diretas e reconhecíveis das *Geórgicas* em partes de *Opus agriculturae*. Cf. por exemplo Paládio, *Opus agriculturae*, livro III, 25, 7 e livro XIV, 30, 9.

REFERÊNCIAS

- ARMENDÁRIZ, José-Ignacio García. *Agronomía y tradición clásica. Columela en España*. Sevilla/Cádiz: Universidad de Sevilla/Universidad de Cádiz, 1995.
- CARTELLE, Enrique Montero. Prosa técnica no gramatical. In: CODONER, Carmen (org.). *Historia de la literatura latina*. Madrid: Cátedra, 2007, p. 795-810.
- CARVALHO, Helton Lourenço. *O império na uilla de Columella. Metáforas e poder no De re rustica*. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de História da Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2019.
- CASAS, Ana María Moure. Introducción. In: PALADIO. *Tratado de agricultura; Medicina veterinária; Poema de los injertos*. Trad., introducción y notas de Ana Moure Casas. Madrid: Gredos, 1990, p. 7-71.
- CATO; VARRO. *On Agriculture*. With an English translation by W. D. Hooper, revised by H. B. Ash. Cambridge, Mass./London: Harvard University Press, 2006.
- COLUMELLA. *On Agriculture. Vol. II – books 5-9*. With an English translation by E. S. Forster and E. H. Heffner. Cambridge, Mass./London: Harvard University Press, 1968.
- COLUMELLA. *On Agriculture. Vol. III – books 10-12; On trees*. With an English translation by E. S. Forster and E. H. Heffner. Cambridge, Mass./London: Harvard University Press, 1968.
- COMMELIN, Pierre. *Nova mitologia grega e romana*. Trad. Thomaz Lopes. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 1983.
- CONTE, Gian Biagio. Memória poética e arte alusiva: a propósito de um verso de Catulo e de um de Virgílio. In: PRATA, Patricia; VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de (org.). *Sobre intertextualidade na literatura latina. Textos fundamentais*. São Paulo: Unifesp, 2019 [1974], p. 23-33.
- FICHT, John G. Introduction. In: PALLADIUS. *The Work of Farming*. A new translation from the Latin by John G. Fitch. London: Prospect Books, 2013, p. 11-28.
- GOUJARD, Raoul. Introduction. In: CATON. *De l'agriculture*. Texte établi et traduit par Raoul Goujard. Paris: Les Belles Lettres, 1976, p. VII-LVI.
- GRIMAL, Pierre. *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963.
- HESÍODO. *Teogonia. A origem dos deuses*. Estudo e trad. Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2000.
- MARTIN, René. *Recherches sur les agronomes latins et leurs conceptions économiques et sociales*. Paris: Les Belles Lettres, 1971.
- OVIDIO. *As metamorfoses*. Org. Mauri Furlan e Zilma Gesser Nunes. Florianópolis: UFSC, 2017.

- PALLADII RUTILII TAURI AEMILI. *Opus agriculturae*. Ex recensione J. C. Schmittii. Lipsiae: G. B. Teubner, 1898.
- PALLADIUS. *The Work of Farming*. A new translation from the Latin by John G. Fitch. London: Prospect Books, 2013.
- PASQUALI, Giorgio. Arte alusiva. In: PRATA, Patricia; VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de (org.). *Sobre intertextualidade na literatura latina. Textos fundamentais*. São Paulo: Unifesp, 2019 [1942], p. 11-21.
- PAUSANIAS. *Descripción de Grecia. Libros III-IV*. Introducción, traducción y notas de María Cruz Herrero Ingelmo. Madrid: Gredos, 2016.
- PERNOT, Laurent. *La rhétorique dans l'Antiquité*. Paris: Le Livre de Poche, 2000.
- PLINE L'ANCIEN. *Histoire naturelle. Livre VI, 2e partie – L'Asie centrale et orientale, L'Inde*. Texte établi et traduit par Jean Filliozat. Paris: Les Belles Lettres, 2003.
- REITZ, Christiane. Columella, *De re rustica*. In: BUCKLEY, Emma; DINTER, Martin (org.). *A Companion to the Neronian Age*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013, p. 275-87.
- SANTOS, Mário Ferreira dos. *Curso de oratória e retórica*. São Paulo: Livraria e Editora Logos, 1962.
- SERIGNOLLI, Lya. A metonímia segundo os gramáticos e rétores latinos. *Classica*, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 89-110, 2018.
- TOOHEY, Peter. *Epic Lessons. An Introduction to Ancient Didactic Poetry*. London/New York: Routledge, 1996.
- THOMAS, Richard Fitzgerald. Introduction. In: VIRGIL. *Georgics. Volume I – books III*. Edited by R. F. Thomas. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 1-34.
- TREVIZAM, Matheus. O excuro do Velho corício (IV 125-148) e a felicidade humana nas *Geórgicas*. *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, Belo Horizonte, v. 30, n. 44, p. 35-54, 2010.
- TREVIZAM, Matheus. *Prosa técnica. Catão, Varrão, Vitruvius e Columela*. Campinas: Unicamp, 2014.
- TREVIZAM, Matheus. Tipologias literárias e exposição técnica em Virgílio e Paládio. *Pbaos: Revista de Estudos Clássicos*, Campinas, v. 22, p. 1-22, 2022.
- VIRGIL. *Georgics*. Edited with a commentary by R. A. B. Mynors. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- VOLK, Katharina. *The Poetics of Latin Didactic. Lucretius, Vergil, Ovid, Manilius*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- VON ALBRECHT, Michael. *A history of Roman Literature. From Livius Andronicus to Boethius*. Leiden/New York/Köln: Brill, 1996.
- WHITE, K. D. *Roman Farming*. London: Thames and Hudson, 1970.